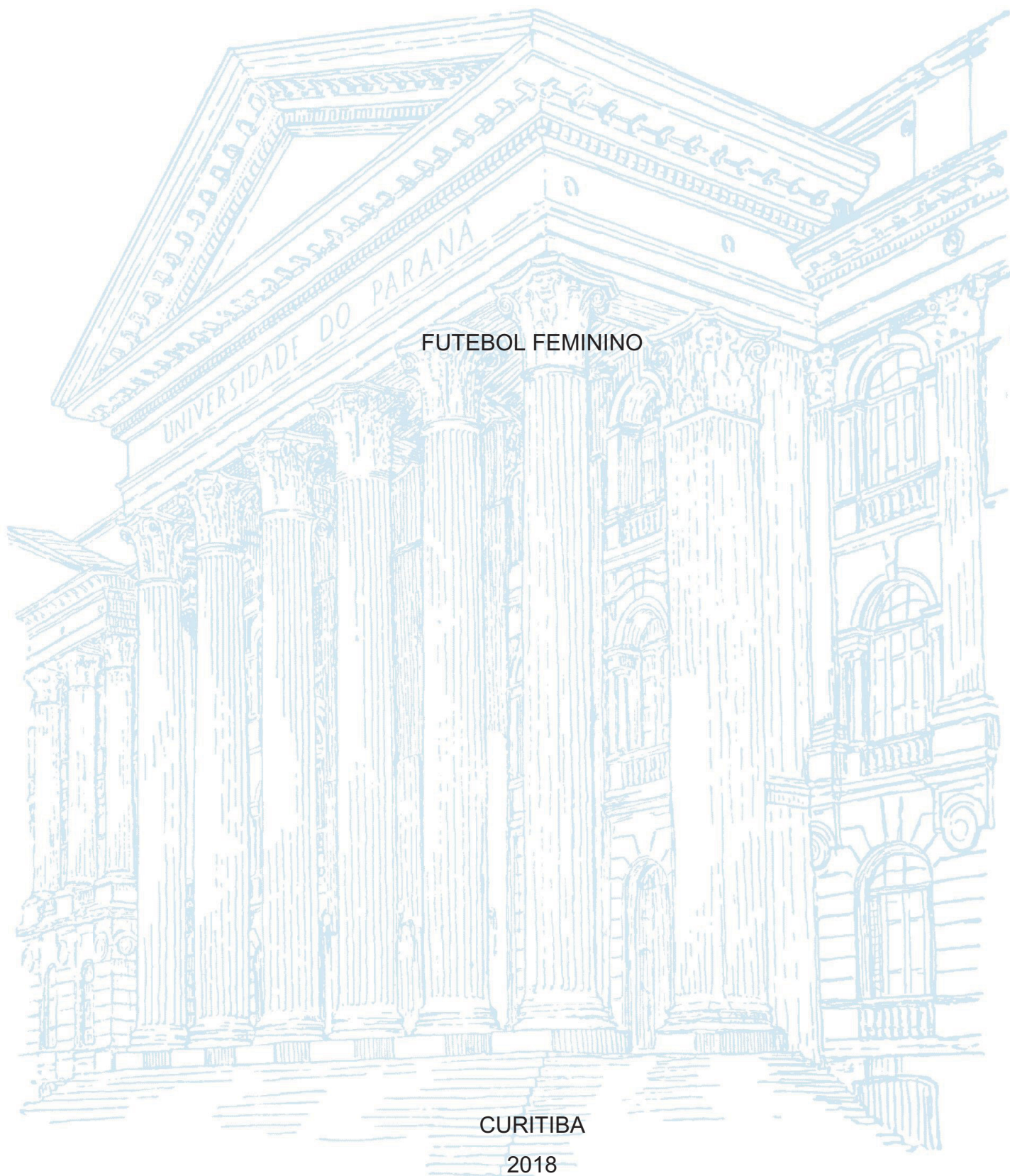


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GIAN CLAUDIO FERREIRA

FUTEBOL FEMININO



CURITIBA

2018

GIAN CLAUDIO FERREIRA

FUTEBOL FEMININO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Medicina do Exercício Físico na Promoção da Saúde, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Medicina do exercício Físico na Promoção da Saúde.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Ricardo R. Petterle

CURITIBA

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres, fonte inesgotável de beleza, sensibilidade e vida.

RESUMO

Esta pesquisa tem como proposta analisar porquê as mulheres repentinamente se interessaram pelo futebol, bem como trazer à tona toda a participação da mulher no esporte, tendo como base suas barreiras culturais, sociais, psicológicas e fisiológicas, aliando estes aspectos às necessidades dos indivíduos em buscar uma atividade esportiva, partindo do princípio de que este foi estimulado interna e externamente. A partir desse pressuposto, foi realizado um teste para mensurar qual o motivo que levou este indivíduo à prática do futebol, e se este motivo foi por razões internas ou externas à natureza da tarefa.

Palavras-chave: Mulheres. Futebol. Atividade esportiva. Futebol feminino.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 CONSIDERAÇÕES	7
1.1.1 Futebol Performance	7
1.1.2 Futebol performance	8
1.1.3 Futebol educação	8
2 A MULHER NO ESPORTE	10
2.1 A HISTÓRIA DA MULHER NO ESPORTE.....	10
2.1.1 Grécia Antiga.....	10
2.1.2 Idade Média.....	11
2.1.3 No Brasil.....	12
2.2 ASPECTOS CULTURAIS DA MULHER NO ESPORTE	14
2.3 ASPECTOS SOCIAIS	16
2.3.1 A família	18
2.3.2 A escola.....	19
2.4 ASPECTOS PSICOLÓGICOS	20
2.5 ASPECTOS FISIOLÓGICOS	23
2.5.1 Particularidades do Esporte Feminino.....	23
2.5.2 Composição Corporal e Tipo Físico	24
2.5.3 Força muscular.....	24
2.5.4 Condicionamento aeróbico.....	25
2.5.5 Fatores ginecológicos.....	26
3 O FUTEBOL FEMININO	28
3.1 BENEFÍCIOS.....	29
4 MOTIVAÇÃO	31
4.1 UMA DEFINIÇÃO DE MOTIVAÇÃO	31
4.2 MOTIVOS E MOTIVAÇÃO	32
4.3 MOTIVAÇÃO NO ESPORTE	33
4.3.1 Classificação de tipos segundo a motivação.....	35
4.4 FONTES MOTIVACIONAIS	36
5 INTRODUÇÃO DO TESTE	39
5.1 MATERIAL E MÉTODOS	40
5.2 MOTIVAÇÃO E MULHERES NO FUTEBOL.....	41

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXO 1	48

1 INTRODUÇÃO

Hoje em dia, o futebol no Brasil representa muito mais que uma paixão, pois está inserido na cultura brasileira. O “brasileiro” tem o futebol no sangue, numa mistura com os glóbulos vermelhos e brancos, é o futebol aquela modalidade esportiva que, extrapolando à sua condição de mera prática esportiva, apresenta-se como fenômeno cultural.

“Seria molecagem, expressão da arte popular e o futebol, através dela, o palco que melhor possibilita a encenação da tragédia popular? Como se deu de fato, a passagem do futebol, outrora aristocrático e nascido com a incumbência de preencher o tempo livre dos burgueses, para domínio das classes populares? (SANTOS, Joel Rufino dos, A História do Futebol Brasileiro), associa a passagem do futebol “burguês” para o futebol “esporte popular” de massa.

A massa espiava por cima do muro; organizou em seguida, seus próprios times, ao mesmo tempo que fornecia mão de obra aos clubes grã-finos. Na década de 30, o que vinha evoluindo se tornou esporte popular de massa.

Que encantamento é esse do futebol que faz surgir de todas as esquinas deste país, das favelas morros e periferias, as suntuosas residências e clubes, a mesma emoção, o mesmo sofrimento, a mesma alegria contagiante no instante do gol, como que se aquele momento supremo do jogo de bola, fosse capaz de anular as diferenças sociais? Que mistério é esse do futebol que faz surgir do orçamento deficitário do povo uma inesperada reserva para o seu deslocamento até os grandes Estádios.

Admitindo-se a hipótese de que o motivo da popularidade do futebol seja um valor que lhe é inerente, cumpre-se analisar, mencionando aqui Ricardo Benzaquen de Araújo*, (as razões que criam o verdadeiro fascínio provocado pelo futebol em nossa sociedade. Segundo o autor de “Força Estranha”, a busca de um melhor entendimento da popularidade do futebol entre nós, implica em definir o mundo do futebol como um contexto no qual predominam valores democráticos marcados por ideais de liberdade e igualdade, onde o futebol é um sistema de igualdades iniciais destinado a se transformar (salvo no caso de empate, em que se mantêm a igualdade) em um sistema de diferenças de acordo com o mérito ou sorte dos competidores).

Esta tradição do povo brasileiro que está contagiado pelo futebol, os craques que as crianças imitam (ídolos) e as satisfações várias que entretêm o praticante, proporcionam as crianças, jovens e adultos um alto nível de interesse. Na escola, o futebol manifesta-se em criança e jovens através da educação, oferecendo uma diversidade de situações e gestos motores (movimentos) que enriquecem suas capacidades psicomotora, cognitiva e afetiva. No entanto, ao destacar-se poderão ser motivados a alcançar o alto nível. O treinamento para atingir alto nível deverá respeitar a individualidade da criança e não ser imposto por pais ou professores.

1.1 CONSIDERAÇÕES

Em dezembro de 1985, foi criada uma comissão pelo governo, formada por personalidades ligadas ao desporto, com o propósito de reformular o desporto nacional. Esta comissão apresentou um documento denominado “uma nova política para desporto brasileiro”, indicando que o esporte deve ser entendido na abrangência das seguintes manifestações: esporte-performance, esporte-participação e esporte-educação.

Esporte-Performance, a manifestação esportiva predominante nas atividades físicas com caráter competitivo.

Esporte-Participação, a promoção das atividades físicas colocadas à disposição da população, visando lazer e entretenimento.

Esporte-Educação, ligado ao programa de educação física nas escolas e funciona como meio desta. A partir destas informações, o Futebol infantil foi analisado sob o prisma de cada manifestação.

1.1.1 Futebol Performance

O Futebol-performance tem como objetivos a procura do máximo rendimento e o reconhecimento da importância da procura, identificação, preparação e confirmação de talentos, através de programas específicos nos trabalhos de base.

Nas escolas e nos clubes o futebol performance encaixasse nas aulas especializadas como forma de treinamento, visando as competições que irão representar sua entidade. Notamos no futebol performance de base uma preparação já com treinamentos técnicos visando objetivos imediatos, ou seja, desenvolvendo o

máximo o potencial da criança com perspectivas no futuro. O que pode ser explicado pelos valores atuais que a sociedade impõe (sociedade de resultados).

1.1.2 Futebol performance

O futebol participação objetiva a descontração, o entretenimento, o lazer, as relações comunitárias, o desenvolvimento pessoal. É de participação espontânea, podendo ser formal, ou informal. Ocorre nos centros esportivos, clubes, parques, praças e até na praia, de forma recreativa sem caráter competitivo. Desta manifestação esportiva surge a maioria dos jogadores de futebol do país.

No futebol-participação, o gosto pela prática é de suma importância. Nesta manifestação, o educador deverá atender às necessidades do praticante, favorecendo ainda mais o interesse pelo esporte, em busca de uma educação permanente.

É sua responsabilidade também, solicitar das autoridades competentes a construção de espaços para o lazer em praças, orientando-as neste trabalho.

1.1.3 Futebol educação

O futebol-educação manifesta-se principalmente na escola, podendo ocorrer em outros lugares. É um dos meios de educação física, devendo integrar os seus programas. Praticado principalmente nas escolas, não visa criar hábitos, mas sim proporcionar direito à participação. Pode até ser um meio de descoberta e desenvolvimento de futuros participantes do futebol-performance.

Neste caso, objetiva desenvolver a aptidão física, o conhecimento e respeito às regras, e a coletividade, contribuindo, desta forma, para o desenvolvimento integral da criança.

O futebol-educação apresenta os seguintes problemas:

a) Apesar de serem minoria, alguns educadores, seja por comodismo, seja pela falta de qualidade da educação ministrada, não observam a importância que o futebol quando bem ministrado, traz a criança;

b) Há também, muitos casos de rejeição por parte de diretores e professores de outras disciplinas, que desconhecem, realmente, os valores do esporte em estudo.

O futebol-educação propõe um trabalho que segue objetivos primordiais da Educação Física Escolar, oferecendo uma diversificação de gestos motores. É importante ressaltar que o futebol é um meio da Educação Física, devendo integrar o planejamento do curso.

Cabe também, ao professor de Educação Física, em caso de rejeição, tentar mostrar aos diretores e professores o que realmente é futebol e quais os benefícios que este traz.

O que fazer?

O professor de Educação Física é imprescindível em qualquer manifestação esportiva, pois ele, com sua formação pedagógica e científica, contribuirá para o desenvolvimento harmonioso e integral da criança. Por isso, dirigentes esportivos devem aproveitá-lo em qualquer das manifestações esportivas, sendo que os educadores e estudantes desta área devem despertar sua consciência para a esta responsabilidade. Pelo mesmo motivo, não é coerente aproveitar ex-jogadores de futebol como professores.

Qual destas manifestações melhor beneficiaria a criança?

Não se deve postular a maior importância de uma manifestação sobre a outra. Entende-se que o esporte independentemente da manifestação pela qual se apresenta, visa contribuir para a formação integral do indivíduo.

Há vários postos que comprovam estas afirmações. Qualquer manifestação deverá contribuir para:

- a) A melhoria da aptidão física;
- b) A prática esportiva permanente;
- c) A socialização do indivíduo.

2 A MULHER NO ESPORTE

Não existe nenhuma razão, quer psicológica ou sociológica, capaz de excluir as mulheres normais e sadias da participação das atividades físicas. A atividade extenuada para atleta bem treinada e bem condicionada, resulta numa saúde perfeita e acentua as grandes qualidades que a transforma numa mulher.

As culturas e os hábitos mudam, o que era totalmente inaceitável a uma geração, atrás, passou a constituir uma prática social estabelecida na atualidade.

2.1 A HISTÓRIA DA MULHER NO ESPORTE

A história da mulher no esporte reflete, no seu interior, a maneira como ela, mulher era concebida nos mais distintos momentos históricos, nos quais o esporte foi pensado, construído, organizado e praticado pelo homem.

2.1.1 Grécia Antiga

Período Egeu – A atividade física feminina era a dança.

Período Homérico – As atividades físicas eram os jogos.

Quando criança as meninas participavam, mas quando cresciam paravam, então só os garotos continuavam.

Platão – Ao elaborar seu conceito de estado ideal, defendia que todos os homens e mulheres deveriam engajar-se em treinamentos esportivos semelhantes.

Espartanas – As mulheres não eram excluídas e sim encorajadas a participar de atividades vigorosas. O objetivo maior era treiná-las como um ritual ao corpo do qual pudesse uma mulher dura, forte, sadia e vigorosa, capaz de gerar crianças sadias para o orgulho e o serviço do estado. O treinamento das meninas começava aos 7 e ia até os 20 anos (só era interrompido se houvesse casamento). Diferente dos garotos que começava com 6 anos, eram tomados pelo estado, sendo que as mulheres podiam permanecer em casa para as suas atividades domésticas.

Atenienses – Só praticavam a dança e invejavam as espartanas, pelo incentivo que elas tinham para a prática de atividades físicas e cuidados com o corpo.

Jogos Gregos – Somente homens participavam, com raras exceções mulheres participavam. Os Heraria eram os jogos reservados as mulheres, e dedicados a Deusa Hera, esposa de Zeus. Nesta ocasião foram levantadas três estátuas, uma para cada filha de Hermisianax por grandes feitos nas corridas de 160mts, a única modalidade.

2.1.2 Idade Média

Durante a Idade das Trevas, que seguiu a queda do Império Romano. O asceticismo e posteriormente o escolasticismo, praticamente eliminaram a participação das mulheres e num grau considerável, também os homens nos esportes. O asceticismo dizia que tudo que era agradável, era pecaminoso, e o escolasticismo estabeleceu o conceito feudal do cavalheirismo, que permitia pouco ou quase nada de natureza física para as mulheres.

Renascença – A participação das mulheres se deu nos clubes de bola, arco e flecha, handebol e tênis.

Século XIX – Após o movimento libertador da Alemanha em 1810, houve um constante aumento nas atividades físicas femininas, principalmente a ginástica sueca.

Nos Estados Unidos em 1880 apareceu o remo e a seguir em 1894 houve a implantação do Basquetebol.

A primeira década do século XIX foi marcada pelos jogos escolares, onde o ciclismo, tênis, canoagem, marcha, basquetebol, patinação e hóquei estruturaram o esporte feminino nos jogos. Segundo RICE et al: “ 22% dos colégios em 1920, possuíam algum tipo de treinamento esportivo para mulheres”.

Durante a década de 20 as associações governamentais cresceram extensamente e formularam normas e regulamentos que limitavam qualquer forma de competição extramural. Dizia-se que esse tipo de competição era indigna do sexo feminino e que a indulgência com relação as atividades extenuantes e as competições, era física e mentalmente prejudicial para jovens mulheres. Com isso em 1930, o percentual de escolas que participavam de competições femininas caiu para 12%, isto se deu até a década de 50, pois após a Segunda Guerra a coisa mudou, houve um intenso movimento a favor das competições interescolares.

A influência dos jogos Olímpicos, tornou o público consciente dos valores dessas competições.

Competição Olímpica – A participação feminina se deu em 1900, onde participavam das provas de natação e tênis, em 1920 e 1924 foi incluída a prova de esgrima.

No ano de 1926 foi elaborado um comitê olímpico para fazer um regulamento dos esportes para mulheres, e já em 1930 foi aberta a participação das mulheres em quase todos os esportes.

Mesmo com o elevado crescimento da participação feminina nos esportes, Coubertain (pai dos modernos Jogos Olímpicos) era contra essa participação feminina tão abrangente. Para ele, o papel das mulheres era somente o de coroar os atletas e nada mais. Com o passar dos anos, muitas objeções foram feitas, baseadas na tese de que a mulher era do sexo frágil, de aspectos delicados. Para os amantes da feminilidade, o aspecto esportista na mulher era uma afronta.

Apesar de alguns conservadores serem contra a participação feminina nos esportes, a mídia provou que as mulheres eram capazes, mostrando suas performances nos jogos.

A mulher passou a ser mais autoconfiante, forte e capaz de realizar atividades que exigem o mais alto grau de perícia e destreza física.

2.1.3 No Brasil

Rui Barbosa foi o relator do Projeto numero 224, que tratava da Reforma do ensino Primário e várias instituições complementares da Instrução Pública. Em seu Parecer, Rui Barbosa deixou patente sua assimilação dos princípios defendidos pelos Higienistas com relação à definição dos papéis destinados aos homens e às mulheres, na sociedade em construção. Referia-se tal projeto, à:

1. Instituição de uma seção especial de Ginástica em cada escola normal;
2. À sua extensão obrigatória a ambos os sexos, na formação do professorado e nas Escolas primárias de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher a harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura.

Configurava-se portanto, no tratamento dado à prática pelas mulheres, da Educação Física e Esportes, o reforço ao pensamento dominante a respeito do papel da mulher na sociedade brasileira, preparando-a fisicamente para a

maternidade, concebendo a idéia de “Mulher” quase que somente associada à de “Mãe”.

Indo de encontro das afirmações acima mencionadas, Fernando de Azevedo, 24 anos após aquele parecer, como que atendendo ao enunciado por Rui Barbosa e seguindo a trilha por ele traçada, alude à maneira através da qual a Educação Física deveria incorporar-se aos hábitos de vida da mulher:

“... A Educação Física da Mulher deve ser, portanto, integral, higiênica e plástica e, abrangendo com os trabalhos manuais os jogos infantis, a ginástica educativa e os esportes, cingir-se exclusivamente aos jogos e esportes menos violentos e de todos compatíveis com a delicadeza do organismo das mães...”

Profética palavra as suas! Em 1941 é promulgado o Decreto-Lei nº 3.199 que, até o ano de 1975, estabeleceu as bases de organização dos Desportos em todo país. Em seu artigo 54º, encontra-se referências à prática de desportos pelas mulheres. Preceitua o referido artigo:

“... Às mulheres não se permitirá a prática de Desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos, baixar as necessárias instruções de entidades desportivas do país...”

Anos mais tarde, em 1965, o CND baixou, através da liberação nº 7, instruções às entidades desportivas do país sobre a prática de esportes pelas mulheres:

“... Nº 1 Às mulheres se permitirá (!) a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.
Nº 2 Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza; futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e basebol...”

Não resta à menor dúvida que a simples leitura dos documentos conduz à constatação de que tal legislação explicitava uma distinção entre as atividades físicas a serem praticadas pelos homens daquelas a serem executadas pelas mulheres, culminando por viabilizar aos homens maiores oportunidades de desenvolverem-se em destrezas físicas. Leva ainda, tal leitura, a detectar a intenção, nele contida, de se adaptar nossa juventude ao padrão de masculinidade e

feminilidade vigente em nossa sociedade, vindo dessa forma ratificar a expectativa da nossa cultura no que concerne à suposta superioridade de sexo masculino sobre o feminino.

2.2 ASPECTOS CULTURAIS DA MULHER NO ESPORTE

Como decorrência cultural dessa forma de pensar, evidenciou-se em outro documento legal concernente à Educação Física o transparecer do entendimento da existência de determinadas tarefas a serem desincumbidas exclusivamente pelas mulheres e outras pelos homens. É assim que interpreta o preceituado na Lei nº 6.503/77 que dispõe sobre a Educação Física em todos os graus e ramos de ensino, ao ler em seu artigo 1º, letra F:

Art. 1º - É facultativa a prática da Educação Física em todos os graus e ramos de Ensino;

Letra “F” – À aluna que tenha prole.

Ao facultar a mulher que tenha prole, o direito de isentar-se da prática da Educação Física, obrigatória em todos os níveis de escolaridade por força do Decreto Lei nº 705/69, deixa transparecer o pensamento de que a educação da prole é de responsabilidade única e exclusiva das mães. Caso o entendimento fosse outro, “homem com prole” também deveria merecer o mesmo tratamento oferecido à mulher. Acontece que a ele é imputada outra tarefa, que não a de cuidar dos afazeres “domésticos” (a educação dos filhos aí incluída). Seria dele a responsabilidade de garantir o sustento da família. É dele a incumbência de dar conta da atividade produtiva.

Assim, parece que foi utilização indevida do equivocado princípio da naturalização do fato social – sob o qual se apóia a compreensão de que as atitudes femininas são determinadas pela influência das suas características biológicas, que serviu de anteparo à idéia dominante da superioridade do sexo masculino sobre o feminino, sendo, por conta dele, afastada qualquer alusão ao fato de estar tal superioridade calcada essencialmente em determinantes sócio-culturais e não bio-fisiológicas.

Pois é dentro de um quadro mais amplo da luta travada pela mulher, de se livrar do estigma de naturalmente inferior ao homem: vinculado as alterações substantivas ocorridas no campo econômico brasileiro, no final dos anos 50, início

dos 60, que encontra as bases para gradativa alteração, que passou a ocorrer da forma de se perceber a participação da mulher no fenômeno cultural chamado Esporte.

Reflete essa alteração a luta da mulher pela sua emancipação, a luta por ela entabulada no sentido de passar a ser considerada um ser social que pudesse vir a ter, em síntese, na maternidade, uma opção e não uma fatalidade, pela qual teria necessariamente que passar, que tatuava naquela que não se tornasse mãe o signo da anormalidade. Passou até a buscar aproximadamente à partir da segunda metade deste século, ocupar um outro lugar na sociedade que a identificasse com um ser capaz de, em condições de igualdade em relação ao homem, envolver-se em tarefas que até então somente a ele pertenciam. O quadro para esse feito era ideal. O modelo nacional desenvolvimentista do final dos anos 50, início dos 60, acelerava o processo de industrialização do país, construindo as condições materiais objetivas para que ela viesse a se inserir no mercado de trabalho, ávido por um maior contingente de mão-de-obra.

Para tanto, foi preciso pensar um outro padrão estético para seu corpo, distante daquele que a identificava com o protótipo da “Mulher Mãe”. O corpo “gordinho”, “rechonchudo”, símbolo da fertilidade, padrão de beleza feminina até as primeiras décadas deste século, se confundia com a imagem da mulher protetora de sua família, de seus filhos, dos filhos de todos, ao mesmo tempo que significava também pureza benevolência, “corpo bonachão”, sinônimo de “corpo indolente”, incapaz de produzir. Era preciso um modelo de corpo que a identificasse com os valores inerentes à sociedade industrial. Corpo ágil, lépido, dinâmico, com plena capacidade de rendimento, produção. Eis o arquétipo de corpo a construir. E assim foi.

Os documentos legais pertinentes à Educação Física e Esportes refletem esse quadro. Em 1979, o CND revogou a Deliberação nº 07/65, colocando em seu lugar a de nº 10. Num primeiro momento, a permissão contida na resolução 10/79 – para a mulher praticar modalidades esportivas até então a elas coibidas deu-se por conta de um caso fortuito, mas que já espelhava em seu interior a mulher em luta. Nove anos depois, porém, em 1986, o CND baixou a Recomendação nº 02, na qual dizia reconhecer “... a necessidade do estímulo à participação da mulher nas diversas modalidades desportivas no país...” Para entender o porquê de tal recomendação, cita-se apenas “em passant”, um dos pontos mencionados na exposição de motivos

que a acompanha: “... o papel determinante que cabe a mulher desempenhar nos programas nacionais de desenvolvimento econômico, social, cultural e desportivo...” Preponderavam, até então – segundo essa Recomendação, como impedimento do acesso a esse último (desportivo), “... as restrições dos costumes e do convencionalismo, e as rotinas dos afazeres domésticos e familiares”.

Mais teria a se dizer, se não fosse para tão entusiasmante assunto, tão limitado o espaço destinado.

Poderia, por exemplo, discorrer sobre a figura da mulher jornalista esportiva. Entende-se contudo, que tal questão não se diferencia de outra nas quais estão presente as dificuldades por ela encontradas de superar os preconceitos existentes com relação à sua presença no exercício de profissões tidas até hoje como “naturais territórios do homem”.

2.3 ASPECTOS SOCIAIS

As possibilidades oferecidas às mulheres no esporte estão em crescimento constante. Nos últimos quinze anos produziram-se grandes mudanças no esporte de competição de alto nível que atrai cada vez mais meninas e moças. A participação das mulheres no esporte aumentou em todos os países da Europa durante esse período. Em certos países como a Alemanha, a proporção de mulheres, em 25 anos, passou de 22,3% a 33,5% do total das pessoas que praticaram um esporte, entre 1955 e 1980. Outros países da Europa Ocidental, como a Irlanda, passaram por uma evolução semelhante ou ainda mais acentuada. Por conseguinte, as ocasiões de prática de esporte por mulheres e a participação das mulheres no esporte aumentaram; no entanto a proporção é ainda fraca, pois é de ordem de uma mulher para dois homens.

Os obstáculos à participação das mulheres estão em vias de cair, maiores possibilidades lhes serão ofertadas, mas permanecem outras dificuldades, principalmente culturais e sociais, que devem ser identificadas e apreciadas para que possa ser desenvolvida uma ação eficaz no sentido da maior participação da mulheres.

O problema liga-se, por um lado, à origem e ao desenvolvimento cultural dos esportes e dos jogos modernos, por outro lado, ao sentimento que têm as mulheres de não poderem desempenhar um papel ativo e construtivo nos esportes, nos quais

os homens são maioria ou ocupam um papel decisório essencial. Atualmente, não há mas oposição à participação de moças em esportes e jogos, mas constata-se ainda uma reticência inconfessa ou mesmo declarada, até uma franca oposição a participação ativa das mulheres na administração e na organização dos esportes a nível das decisões. Consequentemente a situação atual, e especialmente a reticência inconfessa quanto à participação ativa e maciça das mulheres nos esportes e nos jogos, é o produto de práticas, de evoluções e de atitudes passadas.

Historicamente, se pode distinguir três correntes de oposição à participação das mulheres nos jogos e opiniões sobre a saúde das mulheres, opiniões sobre o vestuário das mulheres e opiniões sobre as práticas masculinas tradicionais nos jogos e esportes. A oposição baseada na saúde e no vestuário perdeu força, mais ainda encontram-se vestígios na atitude consciente e inconsciente dos homens diante da participação das mulheres. Essas idéias sobre a saúde e o vestuário tem ainda influência sobre o raciocínio dos administradores de esporte de uma certa idade e de um certo prestígio. Nessa época de permissividade, haveria interesse em afastar essas correntes de oposição por serem consideradas fora de moda ou mesmo absurdas, mas há ainda um numero não desprezível de administradores do esporte que são muito mais conservadores do que se diz. Entretanto, é a terceira corrente de oposição, a da tradição masculina que talvez exerça atualmente, a maior influência. Essa corrente de oposição sustenta que as mulheres não devem ser ativamente encorajadas a participar dos esportes que, por tradição, são praticados apenas pelos homens. Os partidários dessa opinião temem, secretamente, que ao participar do esporte e jogo, as mulheres percam a feminilidade.

Além disso, eles desconfiam de qualquer tendência que possa levar as mulheres a renunciar ao seu papel de donas de casa e de educadoras de crianças. Eles temem também, inconscientemente, que as mulheres modifiquem a ética ou o espírito de atividades exclusivamente reservadas aos homens, até o momento. Alguns desses temores estão longe de ter desaparecido a aparência e a força física de certas atletas de nível internacional, por exemplo, nos esportes de lançamento e de natação, assim como o feminismo agressivo reforçam essas idéias preconcebidas e esses preconceitos conservadores.

Por conseguinte, não se deve subestimar a influência da tradição que é exercida sobre os comportamentos, os atos e as estruturas sociais, mas que também pode manifestar-se em circunstâncias as mais inverossímeis e as mais

inesperadas. Penso que o ardor impaciente e bem compreensível das mulheres em querer mudar a estrutura e a administração de muitos esportes e jogos não leva em consideração o justo valor da força da tradição, cuja dinâmica preestabelecida estrutura a vida social de modo muito mais persuasivo e insidioso que uma análise superficial poderia levar a pensar.

Se a tradição é tão importante, é simplesmente porque ela tem suas raízes na estrutura das normas e dos valores da sociedade e que essa estrutura se manifesta pelos processos sociais de estratificação, de inserção social, de diferenciação de papéis e de direção social, pelas instituições sociais correspondentes da família, do ensino, da economia e da política. *Hall resume tudo isso dizendo que os jogos e os esportes têm um gênero tradicional e que esse gênero é masculino.

2.3.1 A família

Ao lado da escola e da coletividade local, a família lucraria também em ser utilizada como agente de mudança. Atualmente, a família não aceita que as mulheres e, em especial, as mulheres casadas se envolvam com atividades esportivas. *Ezalai considera que o maior obstáculo à participação das mulheres no esportes e em outros lazeres é a falta de tempo. Essa limitação de tempo e outros impedimentos são impostos às mulheres pela sociedade ocidental moderna. Os estudos da família, realizados por pesquisadores mostraram que as atividades de lazer das mulheres se realizam, geralmente, dentro do lar. Isso é verdade para as mulheres casadas, mas também em grande parte, para as mulheres solteiras.

Para as mulheres casada, isso é especialmente verdadeiro, no início da vida familiar pois, nessa fase, o emprego do tempo livre das mulheres é feito em função das necessidades da família. A falta de tempo livre das mulheres assalariadas e das mulheres casadas, bem como outras obrigações impostas às donas de casa explica a fraca participação das mulheres nas inúmeras atividades de lazer e, em particular, no esporte. O desenvolvimento dos esportes e dos jogos fora do lar agrava as dificuldades que as mulheres devem vencer para exercer atividades esportivas. *Talbot afirmou que é necessário estudar a participação das mulheres no esporte dentro do contexto mais amplo do comportamento das mulheres em matéria de lazer. Ela pretende, além disso, que pelo exame da maneira com que certas

mulheres ultrapassam essas dificuldades, poder-se-ia encontrar um modelo para a participação das outras.

Entretanto, a família pode proporcionar às mulheres um meio de praticar esporte e de modificar os comportamentos desportivos. Atualmente, na família, considera-se que a mulher exerce uma função de serviço. Se a família como tal pratica esporte, por exemplo, as famílias suecas na prática da marcha com bússola, a mulher pode encontrar ali a ocasião para interessar-se e participar do esporte por si mesma. Todavia, não basta transferir uma função de serviço exercida por um certo número de mulheres nos esportes. As mulheres não devem contentar-se em levar, passivamente, o seu apoio a seus homólogos masculinos, ativos e vigorosos. Após um certo tempo, disso resultaria uma diferença das funções dos meninos e das meninas na participação do esporte em família.

É apenas necessário lembrar que os pais tendem a compartilhar seus gostos com os filhos, mas eles lhes transmitem também sua concepção dos comportamentos. É no campo dos comportamentos que as possibilidades de mudança se situam e que a família pode agir sobre a participação e o futuro papel das meninas e das mulheres no esporte.

Em conclusão, pode-se dizer que as possibilidades oferecidas às mulheres no esporte aumentaram e ainda vão aumentar. No entanto, será necessário inovar para tirar partido das novas possibilidades que se apresentarão. No mundo do esporte em constante evolução, as percepções e modelos antigos não serão mais suficientes. O papel das pessoas que deverão lucrar com as novas possibilidades será capital, e as mulheres que já ocupam um posto de direção no esporte servirão de modelo para as mulheres como para os homens. Seu envolvimento abrirá o caminho para o indispensável crescimento da participação e da contribuição das mulheres para o desenvolvimento do esporte.

2.3.2 A escola

Se a escola for considerada um meio de inserção social, é necessário interessar-se tanto pelos estabelecimentos mistos como pelos estabelecimentos que fazem a separação garantir o equipamento, o treinamento e a promoção necessária a vencer os efeitos da separação dos sexos no ensino, como por exemplo, na Irlanda. Entretanto, mesmo lá, onde isso acontece, até no ensino das escolas

mistas, é importante renovar a perspectiva das possibilidades oferecidas às meninas, no esporte. Tradicionalmente, as mulheres e as meninas, exercem uma atividade esportiva que apresente um aspecto estético e individual e não uma atividade de competição e de equipe. Esportes como patinação, ginástica, tênis, natação e concursos hípicas atraíram muitas mulheres, mas certos esportes, pela grande participação feminina, estão em risco de tornar-se atividades exclusivamente femininas. Nas novas condições assim criadas, teríamos em vez de esportes masculinos, esportes femininos e masculinos, o que seria lamentável e ao mesmo tempo improdutivo, faria apenas agravar a atual polarização dos sexos. A esse respeito, convém buscar todos os esportes para todos na escola e na coletividade, tanto para meninos quanto para meninas. Seria oportuno prever uma integração dos esportes de lazer, de modo que a escola e a coletividade pudessem incentivar todas as crianças e jovens, não importando o sexo, a praticar esporte.

2.4 ASPECTOS PSICOLÓGICOS

Ao estudar algumas tendências de comportamento na infância de uma mulher, críticas para a compreensão da “mulher esportiva”. Percebeu-se entre esses aspectos, muitas vezes coincidentes estão:

1. Sentimentos com relação a êxitos;
2. Valores atribuídos ao sucesso nos diversos tipos de tarefas;
3. Sentimentos positivos e negativos referentes a afirmação de personalidade ou agressividade e competição.

Estudos recentes indicam que parece ter havido uma mudança à partir dos anos 60, no sentido de que as meninas estão escolhendo maior número de jogos masculinos do que antes. Esse deslocamento, de acordo com * ROSEMBERG e SUTTON-SMITH (1967), efetuado pelas meninas para os jogos mais agressivos e dominadores, até então predominantemente masculinos, parece ocorrer com maior frequência atualmente ao redor do nono ano de vida. Essa mudança pode ter acompanhado a crescente tendência de as mulheres buscarem sucesso através de grande número de situações competitivas.

A modelagem de alguns desses comportamentos e atitudes tem sido postulada como proveniente de grande número de forças psicológicas. Algumas dessas influências incluem o poder exercido pelos pais, que se apresentam como modelos

de papéis; as práticas de Educação Infantil adotadas pelos responsáveis pela criança; a presença e influência de irmãos; a natureza dos comportamentos sociais e as pressões dos companheiros testemunhadas nas escolas primária e secundária.

A possível origem da menina ou mulher voltada para o sucesso tem sido estudada por muitos pesquisadores que, não raro, focalizam ambientes acadêmicos e profissionais. Uma das conclusões mais interessantes que poderiam explicar o sucesso posterior de meninas e mulheres no esporte, foi postulada por diversos estudiosos. Os pesquisadores concluíram que uma mãe excessivamente desvelada pode criar uma menina mais conformada, dependente e passiva, enquanto aquela orientada para o êxito e que não seja super-protetora, produzirá uma menina mais ativa e competitiva.

Ao mesmo tempo, é óbvio que ao decidirem ingressar no esporte, as jovens são influenciadas por outros membros da família. Em estudos com atletas notáveis de vários esportes, *BOLARS (1975) concluiu que o pai era importante fonte de influência e estímulo. A ordem de nascimento da menina na família pode também influir no seu desejo de ingressar no esporte. SUTTON-SMITH e ROSEMBERG (1970) descobriram que homens e mulheres com irmãos mais velhos tinham maior participação esportiva do que os que possuíam irmãs mais velhas.

A influência de irmãos e pais nem sempre é uma relação unilateral, podendo ser recíproca, isto é, quando o filho entra para o esporte e nele tem êxito, o genitor aumentará seu interesse pelo esporte.

Por fim, a exemplo do que acontece com os homens, os sentimentos femininos com relação ao ingresso em esportes competitivos podem variar de uma idade para outra. Os escritos existentes sobre o assunto não trazem material bem documentado sobre tais mudanças e suas causas.

Contrastando perfis de personalidade de mulheres atletas com as de não-atletas, *WILLIAMS (1978) verificou que um conjunto de traços “femininos” – passividade, dependência, maior emotividade, sociabilidade, menos necessidade de êxito e menor agressividade – parece típico das mulheres em geral. Uma lista de traços atribuíveis a mulheres atletas parece assemelhar-se ao homem comum e ao homem atleta mais do que à mulher comum. Essa autora declara que a mulher bem sucedida no esporte competitivo tende a ser mais assertiva, dominadora, auto-suficiente, independente, inteligente, agressiva, reservada e possui maior orientação para o êxito do que a mulher não-atleta.

A própria palavra “personalidade” é considerada como derivada da palavra “persona”, máscara usada pelos atores gregos ao mudarem de um papel para outro nas antigas peças teatrais. Assim, as mulheres no esporte, bem como todos nós, temos que colocar diversas máscaras e conformarmo-nos com as nossas próprias opiniões sobre o que se deve fazer nas situações várias que atravessamos num dia, numa semana, num mês, ou seguirmos as opiniões dos outros.

As mulheres podem agir de modo específico e apropriado para cada situação ao encontrar os desafios de uma competição atlética vigorosa. Muitas dessas mesmas mulheres, contudo, podem esconder seu “verdadeiro” eu quando enfrentam testes de personalidade e entrevistas pessoais, mas estão prontas a revelarem outros componentes mais flexíveis de sua personalidade em situações que exigem atributos e comportamentos incompatíveis com uma competição esportiva de alto nível.

Não é de estranhar que as mulheres submetidas a testes de personalidade possam responder de modo preconceituoso em relação a tendências agressivas, em vista de suas experiências educacionais na primeira infância, seu conhecimento do que se espera delas ao fazerem tais testes, sua consciência da “imagem da mulher atleta” que muitos têm e dos vieses que facilmente aparecem nas respostas em testes de personalidade.

As mulheres que competem no esporte pagam um “preço emocional” oriundo da variedade de papéis que a atleta pode desempenhar e dos juízos negativos emitidos pelos que têm preconceitos a respeito da mulher no esporte.

Assim, grande número de condições estudadas pelos cientistas do comportamento, inclusive sociólogos e psicólogos sociais, representam possíveis fontes de tensão nas atletas.

A seguir alguns componentes da cadeia de um comportamento: participação atlética; sucesso; preocupação com sucesso (êxito) e subsequente conflito de papéis; avaliação negativa pelo próprio atleta e por outros; tensão psicológica; ansiedade; sentimentos negativos com relação à competição.

Do mesmo modo que a atleta pode ver-se a si mesma negativa ou positivamente, vários componentes de sua personalidade e seu desempenho podem ser julgados negativa ou positivamente por outros – família, outras pessoas importantes (marido, namorado, técnico).

De modo geral, o grau de tensão psíquica que uma atleta pode estar experimentando como resultado de sua participação no esporte depende do grau de sua “inserção” no esporte e da aceitação, tanto no tipo como no contexto, daquele esporte específico dentro do sistema de valores de uma cultura com a qual ela se identifica intimamente ou cujas opiniões são importantes para ela. A presença de modelos positivos dentro do esporte também influi.

Na adesão do esporte, o provável é que a jovem ingressando num esporte que goze de pouca aprovação cultural e que só recentemente começou a ter participação feminina, sofre grande quantidade de tensão. Na verdade, muitas moças imaginam quais as reações que os outros poderiam ter à sua entrada nesses esportes altamente estressantes, podendo desistir de participar por causa dessas fantasias.

Existem inúmeros problemas relativos à psicologia feminina no esporte que necessitam de maiores luzes. Entre eles, citam-se os efeitos benéficos ou perniciosos da entrada precoce da menina num esporte competitivo, esporte este que requer treinamento vigoroso e, também, análises das forças psicológicas que recaem sobre as mulheres durante os estágios médios e finais de sua carreira.

2.5 ASPECTOS FISIOLÓGICOS

2.5.1 Particularidades do Esporte Feminino

Não se trata de querer separar arbitrariamente o esporte feminino e de isolá-lo, pois existem inúmeros pontos de concordância entre o homem e a mulher. Exemplos precisos provam que certos esportes são praticados indiferentemente pelos dois sexos, de um modo igualmente satisfatório.

Entretanto certos aspectos da diferença de sexos fazem com que, inegavelmente, a desportista tenha desvantagens ou vantagens, e que se certos esportes apenas correspondem às possibilidades femininas, outros ao contrário, permitem-lhe exprimir sua feminilidade e destacar-se.

Na pesquisa empreendida, permitiu especificar e reagrupar os aspectos positivos ou não da fisiologia feminina, bem como separar as idéias pré-concebidas, não raro prejudiciais ao progresso do esporte feminino, em todos os níveis.

Segundo pesquisadores, as respostas das mulheres ao exercício e treinamento, não são muito diferentes daquelas obtidas para os homens, uma vez que o mecanismo celular que controla a maioria das respostas fisiológicas e bioquímicas em relação ao exercício físico, são praticamente idênticas para os dois sexos.

2.5.2 Composição Corporal e Tipo Físico

Na época em que a mulher atinge a maturidade, ela é em média, cerca de 10 centímetros mais baixa do que os homens. O sistema esquelético, as articulações e os ligamentos do organismo feminino são mais delicados do que as do masculino e, portanto, mais adaptáveis aos esforços físicos de natureza leve. Seu peso vai de 12 a 20kg mais leve, e consideravelmente mais gorda (25% de adiposidades em média para a mulher adulta e 15% para o homem adulto). Até a idade de 13 e 14 anos, contudo, a mulher é igual ou superior, que a média dos homens em altura e peso corporal. Isto é indubitavelmente devido a uma pré-disposição orgânica para um crescimento mais acentuado nesta idade, por parte da mulher. Uma vez alcançada a completa maturação, o homem terá ombros mais largos, quadris mais estreitos e uma circunferência de tórax maior em relação ao seu tamanho corporal global. Em termos de valores absolutos, os homens tem maior adiposidade subcutânea na região abdominal e regiões superiores do corpo, em quanto que as mulheres tem maior adiposidades nos quadris e parte inferior do corpo. Adicionalmente sobre o aspecto de somatotipo, a mulher em média tende ao endomorfismo, enquanto que a média dos homens tende ao ectomorfismo ou mesomorfismo.

Em termos de composição corporal, as mulheres de 18 aos 22 anos tem uma média de 22 a 26% de gordura relativa, enquanto que os homens de igual idade uma média de 12 a 16%.

2.5.3 Força muscular

Reconhece-se que o homem é consideravelmente mais forte do que a mulher. Ao rever a literatura relativa ao desenvolvimento da força muscular, verificou-se que a mulher, de um modo geral, é mais fraca do que o homem aproximadamente 30 e 40%.

Poderão as mulheres se beneficiarem do treinamento com peso? Alguns estudos experimentais já confirmaram significativos aumentos de força muscular em moças e mulheres engajadas em programas de treinamento com pesos.

Os pesquisadores BROWN e WILMORE (1974) verificaram um aumento de força muscular nas mulheres de 25 a 40%, em sete moças praticantes de atletismo, num estudo que durou seis meses. Em outro estudo WILMORE (1974) verificou ganhos da ordem dos 30%, num programa de treinamento de força que durou 9 semanas. CAMPOS (1980) numa pesquisa com objetivo de estudar o desenvolvimento da força muscular entre ambos os sexos, verificou ganhos de força de 37% nas mulheres e 28% nos homens, num estudo que durou sete semanas.

Segundo WILMORE, quando a força muscular é expressada em termos de peso corporal total, não existem grandes diferenças de forças entre os sexos e quando a força de pernas é expressada relativamente à qualidade de massa magra (LBM) as mulheres são um pouco mais fortes do que os homens.

Os ganhos e força muscular são geralmente acompanhados por uma certa hipertrofia muscular. No entanto, estudos recentes tem demonstrado que a hipertrofia da mulher é menos pronunciada do que nos homens. Nestes trabalhos experimentais se verificou que a hipertrofia na mulher em todas as regiões do corpo, foi bem inferior do que a dos homens, apesar de ambos os sexos terem sido submetidos à um mesmo programa de treinamento. Segundo pesquisadores, nomeadamente, BERGER, WILMORE, FOX, TIPTON e outros, o que principalmente regula a hipertrofia muscular são os hormônios, em especial a testosterona a androstenediona; e uma vez que a mulher produz uma quantidade destes hormônios em muito menor quantidade (especialmente a testosterona) ela não estará propensa a excessivos ganhos em hipertrofia.

Um outro tópico interessante e que merece menção, é o fato de não haver diferenças básicas na qualidade de músculo entre ambos os sexos.

2.5.4 Condicionamento aeróbico

Existe uma definitiva e significativa diferença na capacidade aeróbica da mulher em relação ao homem da ordem dos 15 a 20%. Esta diferença de VO₂ max. não é tão pronunciada quanto expressada em mililitros/quilograma/minuto, e ainda menor se expressada em mililitros/quilograma de massa magra/minuto. A mulher

não apenas tem menor quantidade de hemoglobina, mas também menor volume sanguíneo cardíaco que o homem.

Apesar da pulsação máxima ser similar nos dois sexos, a quantidade de sangue bombeada por sístole é menor na mulher. Apesar de não tão importante, a capacidade vital e a ventilação pulmonar nas mulheres são menores se levarmos em conta o seu tamanho. Se corrigirmos estas diferenças em relação ao tamanho corporal poder-se-ão reduzir as diferenças, mas não eliminá-las completamente.

No que tange a treinabilidade parece não existir diferenças entre homens e mulheres. Alguns estudiosos nesta área sugerem que quando não se leva em conta a gordura corporal, os dois sexos tem, mais ou menos, o mesmo potencial aeróbico por quilograma do peso corporal. Pesquisas demonstraram que as mulheres de alta competição em atividades de longa distância, que percorrem entre 50 a 100 milhas por semana treinando, não apenas tem capacidade de ventilação do que a média das mulheres, mas também a capacidade aeróbica se aproxima da dos homens da mesma especialidade.

2.5.5 Fatores ginecológicos

Uma das grandes preocupações com respeito à participação da mulher nos esportes são nas áreas ginecológicas e do ciclo menstrual. No passado, se tinha a convicção (sem evidências científicas) de que a prática de esportes e exercícios extenuantes durante o período menstrual eram prejudiciais à mulher. Só recentemente ficou estabelecido, com certa clareza, que a prática esportiva não afeta negativamente o ciclo menstrual, nem a subsequente história obstétrica e ginecológica.

Grande parte das mulheres não têm problemas ginecológicos sob qualquer condição, sejam elas ativas ou sedentárias. Por outro lado, há mulheres com dismenorréia ou outras dificuldades ginecológicas e, aparentemente, o exercício físico vigoroso, não ajuda nem agrava tais dificuldades.

Recentemente, tem se tomado conhecimento de mulheres cujo ciclo menstrual é irregular devido à prática regular de corridas de longa distância, ballet, ginástica e ciclismo de competição. Alguns estudiosos acham que a parada do ciclo menstrual se dava a um peso corporal muito baixo, e a um percentual de gordura igualmente muito baixo, uma vez que se tem verificado a parada da menstruação

nas mulheres muito magras. Nestas mulheres, o reaparecimento da menstruação de um modo geral acontece quando se reduz o treinamento.

A performance física das mulheres parece melhorar imediatamente após o período menstrual, até o décimo quinto dia do ciclo. A quantidade de mulheres que reduzem a sua performance durante o ciclo menstrual, é praticamente igual à das que não sentem nenhuma diferença. Tem se verificado que algumas mulheres melhoram a performance no período menstrual e, em alguns casos, até estabelecendo recordes. A variabilidade individual é tão grande que não se podem traçar regras gerais. Para aquelas mulheres que não apresentam dificuldades ginecológicas, deveriam ser permitidas praticarem atividades físicas de qualquer tipo, durante o período menstrual.

Além do mais, todos os autores que se dedicaram à esse estudo, são concordes em afirmar que a prática esportiva não ocasiona nenhuma perturbação na menarca, na menstruação e na história obstétrica atual ou anterior da mulher atleta. Constataram, também, que o tempo de trabalho de parto geralmente é menor nas atletas, em relação às não atletas, e as estatísticas comparativas com grupos de controle, revelaram incidência de 50% menos de cesarianas entre as mulheres atletas.

A história das Olimpíadas nos revela muitas atletas, em plena pujança da sua forma atlética, mães de muitos filhos e campeãs olímpicas e mundiais.

Aqueles que contra-indicam para a mulher esportes de conjunto, caracterizados pelo contato pessoal, no sentido de se evitarem prejuízos ou danos para seus órgãos genitais internos, estão completamente enganados. O útero flutua livremente entre as vísceras pélvicas, não havendo normalmente, espaço livre ao redor. A transmissão de um golpe externo, em consequência da prática esportiva, será sempre reduzida e inócua, porque chega internamente bem atenuada. Poderá, é lógico, haver lesão interna provocada por traumatismo externo de grandes proporções. Entretanto, vale ressaltar que isso ocorre excepcionalmente e pode ser observado também entre os homens no tocante a outras vísceras. Porém, durante as ações normais nos esportes, os genitais internos da mulher estão até certo ponto, mais bem protegidos do que os do homem, contra a violência dos traumatismos externos que possam ocorrer.

3 O FUTEBOL FEMININO

Tão gostoso quanto antigo, o futebol foi criado em 1863 por onze cavalheiros ingleses, durante uma conversa de bar. Daí para frente, o jogo ganhou simpatia em vários cantos do mundo. Se hoje seus inventores estivessem vivos, certamente ficariam espantadíssimos com sua enorme popularidade, inclusive entre as mulheres.

A primeira participação feminina nas peladas, foi em 1898 em Londres numa partida entre Inglaterra x Escócia.

No Brasil o registro das primeiras partidas foi em 1908 e 1909 elas eram mistas entre homens e mulheres.

Em 1913 ocorreu um evento beneficente, esse evento foi considerado a primeira partida de futebol feminino no Brasil, porém, alguns anos depois foi descoberto que o time “feminino”, na verdade eram de “homens vestidos de mulher”, eles eram jogadores do Sport Club Americano. Ou seja, essa não poderia ser considerada a primeira partida de futebol feminino.

A primeira competição Internacional entre países foi a Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada em 1991 na China, onde as meninas dos Estados Unidos foram Campeãs.

Nos Estados Unidos, a moda começou no início da década de 70, ali as competições eram entre equipes universitárias, elas ajudaram a difundir o esporte e a criar times profissionais. Já em 1995 na segunda edição do Campeonato Mundial Feminino, a metade dos jogadores do país sede da Copa eram mulheres. Lá não há discriminação quanto a participação feminina neste esporte, mas sim um grande incentivo, principalmente por parte das escolas que frequentemente realizam campeonatos internos.

No Brasil primeira partida de futebol feminino oficial aconteceu em 1921, essa partida chegou a ser noticiada pelo jornal A Gazeta, era considerada uma atração curiosa. Mas o preconceito foi muito grande na época, pois o futebol sempre foi visto como um esporte bruto e impróprio para as mulheres da sociedade. O futebol feminino não agradava as famílias que eram conservadoras, isso fez gerar a criação de um decreto-lei, que iria proibir a prática de qualquer esporte que fosse incompatível com a natureza feminina, isso durou até 1979.

Nos anos 80, esses tabus começaram a cair, as mulheres começaram a frequentar estádios, vestir a camisa do seu time, no melhor estilo de torcida organizada. A participação feminina foi além das arquibancadas, elas entraram em campo para jogar.

A primeira equipe brasileira que se tem notícia foi a equipe Radar Copacabana, a qual levou o futebol das areias da praia para os campos.

Em 1991 a CBF levou o Brasil a participar da Copa do Mundo da China. Em 1994 aconteceu o primeiro campeonato de brasileiro de seleções, vencido pelo Rio de Janeiro. Promoveu-se também a Taça Brasil, com a participação de 10 times, onde o vencedor foi a equipe do Vasco da Gama. No início de 1995 foi realizado em Uberlândia o Campeonato Sul-Americano, a seleção brasileira formada por mulheres com idade média de 27 anos foi campeã.

À partir daí, o interesse foi aumentando, em consequência disto, clubes e escolas de futebol foram abrindo vagas para turmas femininas. No Rio de Janeiro abriram mais de quinze escolas, sendo superado apenas por Uberlândia onde o número de participantes já ultrapassava de 850 moças de várias faixas etárias.

De lá pra cá o número de adeptas só aumentou, e a renovação de talentos se dá cada dia maior.

3.1 BENEFÍCIOS

Uma partida de futebol entre mulheres pode ser divertida, saudável e ainda trazer grandes benefícios para o corpo de suas craques. Jogar uma pelada três vezes por semana, por exemplo, faz perder 500 calorias por hora e melhora as condições do pulmão e do coração. Entre as partes do corpo beneficiada estão:

- barriga: esporte aeróbico por excelência, o futebol elimina gorduras e provoca um leve enrijecimento da região;
- glúteos: enrijecem por causa dos constantes movimentos de corrida e chutes;
- pernas: no primeiro momento, o futebol serve para queimar os excessos de gordura na coxa e panturrilha. Depois disso, os músculos da região ganham rigidez e ficam com diâmetro maior, mas nada desproporcional.

Além destes benefícios, a mulher que pratica futebol melhora sua impulsão, agilidade, fôlego e força. Mas para um bom desempenho é necessário que a mulher

tome alguns cuidados. Segundo o médico fisiologista *RENATO LOTUFO a precaução é muito simples e basicamente implica em:

- nunca participar de um jogo sem fazer um aquecimento específico, principalmente o alongamento que é importantíssimo;
- antes da partida alimentar-se e hidratar-se bem, mas sem exageros, pois o excesso de comida e bebida no organismo, pode causar uma desagradável sensação de inchaço e peso, prejudicando a movimentação em campo.
- nos pés usar sempre meias longas e chuteiras específicas para cada terreno e situação climática pois.
- faixas nos pés e tornozelos que evitam os entorses e contusões, acompanhadas de caneleiras que protegem de impactos mais severos.
- nos seios, o uso de um top específico com proteção extra, para impactos contra as adversárias e até mesmo no amortecimento da bola no peito, de tecido cotton-lycra firme e confortáveis, evitando a movimentação e balanço excessivo deixando os seios firmes absorvendo o suor.

Como todo esporte, o futebol requer cuidados especiais com o corpo e endumentária específica para a modalidade, visando salvo guardar a integridade física da atleta mantendo uma boa saúde e vitalidade.

4 MOTIVAÇÃO

O ser humano é um maravilhoso organismo capaz de perceber eventos, formular juízos complexos, recordar informações, resolver problemas e por um plano em ação. Contudo esse intrigado aparelho pode ser usado para a diversidade de fins tanto para planejar uma guerra como para explorar o espaço, para humilhar outra pessoa, confortar enfermos, obter reconhecimento, o domínio ou a amizade. Os usos que uma pessoa der às suas capacidades humanas dependem da sua motivação, seus desejos, carências, necessidades, ambições, apetites, amores, ódios e medos.

4.1 UMA DEFINIÇÃO DE MOTIVAÇÃO

É claro que diferentes teóricos têm diferentes concepções sobre motivação. Não obstante, há acordo geral em que o motivo é o fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa. Não diretamente observado, mas inferido do seu comportamento ou, simplesmente, parte-se do princípio de que existe a fim de explicar-se o seu comportamento. A motivação distingue-se de outros fatores que também influem no comportamento, tais com a experiência passada da pessoa, suas capacidades físicas e a situação ambiente em que se encontra, se bem que esses fatores podem influenciar a motivação.

Um motivo divide-se, usualmente, em dois importantes componentes. Primeiro, o termo impulso referente ao processo interno que incita uma pessoa à ação. O impulso pode ser influenciado pelo ambiente externo, pela temperatura, por exemplo. Mas o impulso, propriamente dito, é interno. Segundo, um motivo termina ao ser atingido um objetivo ou obtido uma recompensa. O objetivo ou recompensa revestir-se-ão de certo efeito redutor ou satisfatório sobre o incitamento interno, pelo que, depois de alcançar um objetivo ou ser suficientemente recompensado, o motivo deixa de orientar o comportamento por um período de tempo. Um objetivo ou recompensa poderá envolver um objeto externo, como o alimento, mas o processo de cessação do impulso é em si mesmo interno.

Alguns psicólogos acrescentam que a motivação inclui também um desejo consciente de obter algo. A isto se chama uma carência, por vezes. Um desejo ou carência está relacionado com a função seletiva de finalidades que compete aos

motivos. Contudo, outros psicólogos acrescentam ser um desejo ou carência algo excessivamente subjetivo para ter qualquer valor científico. Aceitariam, simplesmente, o relato verbal dos sentimentos íntimos de uma pessoa como um aspecto do comportamento que é influenciado pelo motivo inferido.

4.2 MOTIVOS E MOTIVAÇÃO

A teoria da motivação parte do pressuposto de que deve existir alguma coisa que desencadeia uma ação, que lhe dá uma direção, mantém seu curso em direção a um objetivo e a finaliza.

Por conseguinte, motivos denominam diferenças entre peculiaridades duradouras que se formaram no decorrer do tempo de desenvolvimento, numa determinada situação básica. Em oposição a isto, a motivação é dependente da situação e, uma ocorrência de curto prazo.

Por isto também se pode chamar os motivos de aspirações repetitivas. Uma destas aspirações repetitivas é, por exemplo, o motivo de desempenho, que se formou pela situação básica repetida da temática do desempenho, possibilitando a auto-regulagem da ação referente ao desempenho. Portanto, os motivos não são inatos, mas são as disposições aprendidas. Isto vale, até certo ponto, mesmo para motivos fisiológicos, isto é, para a satisfação de necessidades orgânicas como a fome e a sede.

Com ela se denominam todos os fatores e processos atuais, que conduzem à ação sob determinadas condições situativas de estímulo, mantendo-as em funcionamento até o término. Na motivação os fatores de situação e os fatores de motivos entram em efeito recíproco. Fatores de motivos representam, assim, apenas uma parte da ocorrência da motivação.

Como, muitas vezes, se confunde motivo com motivação, é válido destacar com clareza, as consequências de conceito de * HECKHAUSEN, ou seja, motivos como aspirações repetitivas que acompanham o homem durante toda sua vida.

1. Motivos não são inatos e sim aprendidos.
2. Motivos são resíduos de experiência a longo prazo, e por isto, compõem-se de imagens de objetivos e expectativas de ação, altamente generalizados.

3. Motivos jamais conduzem à ação. Eles têm que ser despertados e estimulados, antes, por condições de situação a eles correspondentes. Com isto, influenciam a motivação momentânea. A motivação, por sua vez, dirige o comportamento.

4. Motivos começam a se formar já durante o início do desenvolvimento. Fortalecem-se gradativamente, transformando-se, assim, num sistema relativamente duradouro, que governa o comportamento de cada um.

5. Cada pessoa dispõe, para cada forma de situações básicas enumeradas (por exemplo: agressão, poder, auxílio, desempenho, conexão social) com suas aspirações repetitivas, de um correspondente sistema de motivos. O comportamento de cada pessoa às vezes é motivado para a adesão, a agressão, o poder, o auxílio, ou a performance. Só que a forma de expressão e sua objetividade, peculiar a cada um, dependem das características individuais do desenvolvimento dos motivos.

6. Segundo a freqüência de experiências individuais, o sistema de motivos individual pode ser mais orientado para a procura (buscando) ou para a fuga (evitando), sendo determinado mais acentuadamente pela esperança da satisfação ou pelo medo da não satisfação. Assim, cada motivo pode ser dividido, de forma rudimentar, em duas tendências parciais: agressão e agressão inibida, esperança da adesão e medo da recusa, esperança de conseguir o poder e medo de perder o poder, esperança do sucesso e medo do fracasso. Por conseguinte, os indivíduos se distinguem de acordo com a predominância de uma destas tendências parciais.

4.3 MOTIVAÇÃO NO ESPORTE

Numa larga acepção, o termo motivação denota os fatores e processos que levam as pessoas a uma ação ou à inércia em diversas situações. De modo mais específico, o estudo dos motivos implica no exame das razões pelas quais se escolhe fazer algo ou executar algumas tarefas com maior empenho do que outras ou, ainda, persistir numa atividade por longo período de tempo.

As razões pelas quais um indivíduo ingressa num esporte, são extremamente variáveis e difíceis de serem reduzidas a conceitos rígidos, mas o que tem se conhecimento é que elas estão em torno dos seguintes fatores:

- oportunidade de se realizar plenamente;
- adquirir auto controle e domínio em seu meio;
- conseguir um padrão de experiência através do aperfeiçoamento e dos esforços físicos.

Na primeira metade do século passado, muitos psicólogos comportamentais, fisiologistas e psiquiatras de grande fama focalizaram sua atenção na motivação humana. Seus estudos identificaram pelo menos três dimensões importantes, ou escalas sobre as quais os motivos podem ser projetados.

No indivíduo através do inconsciente onde se encontram necessidades fisiológicas e biológicas, necessidades de psicológicas e necessidades de valores sociais e estas conscientemente são modeladas por experiências e desempenho causado por experiência recentes, por pessoas e eventos.

Além dos aspectos mencionados, MURRAY (1975) compara os motivos que podem ser determinados fisiologicamente, com outros que se derivam mais de motivos psicológicos e sociais. Atualmente, especialistas traçam uma lista de motivos a fim de incluir aqueles que refletem necessidades fisiológicas, psicológicas e sociais. Esta lista idealizada por MURRAY inclui o seguinte:

LISTA DE NECESSIDADE DE MURRAY	CONDUTA EM SITUAÇÕES ESPORTIVAS
Necessidade e prestígio, auto-afirmação, sucesso, ambição, exibição	A maioria das competições atléticas permite a realização destas necessidades em graus variados. A deterioração fisiológica de alguns atletas depois que se aposentam pode ilustrar a super dependência desse motivo durante suas carreiras competitivas.
Necessidades de manter status, evitar humilhação e superar derrotas.	Os técnicos apelam muito para essa necessidade quando os atletas, antes de importantes competições, vão enfrentar times que, no passado, causaram, ou ainda podem causar, humilhação através da derrota.
Necessidades de mandar nos outros, de dominar ou de ser submisso.	Muitos esportes, por sua própria natureza, realizam este motivo. Por exemplo, um atacante de futebol americano brigando por um pedaço de chão na linha de briga talvez ilustre motivo.
Necessidade de ser aceito, formar relações afetivas com outros, ser amável, cooperativo.	Muitos atletas ingressam num time por esse motivo. Frases do tipo “para o bem do time” são muito empregadas pelo técnico, refletindo assim a consciência deste motivo nos seus atletas.
Necessidade de adquirir objetos inanimados, arrumar coisas e manter	A preocupação de muitos atletas e técnicos para com as regras ilustra este motivo, assim como a coleção de troféus e de álbuns com recordes da

tudo em ordem.	carreira atlética.
Necessidade de investigar, de fazer perguntas, de satisfazer curiosidade e tomar parte em processos cognitivos.	Este motivo de como o técnico inclua no atleta conhecimentos importantes a respeito do esporte ou ainda da necessidade que os atletas possuem de saber as razões de seus treinos, atividades, táticas competitivas.

Fonte: o autor.

4.3.1 Classificação de tipos segundo a motivação

Apesar de haver numerosos fatores que influenciam a motivação individual, alguns crêem que é possível colocar pessoas em várias categorias, segundo os motivos que as fazem ingressar no esporte e em outras situações sucesso.

Os especialistas que estudam necessidades de sucesso, por exemplo, propuseram várias classificações. Um dos tipos enfrenta situações que implicam em sucesso, com uma motivação muito mais alta para alcançá-lo e tendo uma percepção de que tais situações trarão sucesso e que este é altamente valorizado. Esses indivíduos provavelmente escolherão objetivos alcançáveis ao invés de “chutarem” alto demais ou baixo demais ao enfrentarem desafios.

O segundo tipo classificado por especialistas interessados em necessidade de sucesso é constituído por indivíduos que procuram evitar o fracasso. Estes tendem evitar as situações que implicam em sucesso ou derrota ou terão muito cuidado ao escolher adversários e objetivos, tendo assim grande possibilidade de sucesso. Podem ainda escolher objetivos dificilmente alcançáveis, preparando-se assim, de antemão, para desculpas plausíveis e “salvadoras”. Ao se lidar com o indivíduo inseguro que tenha um passado de fracasso e para quem mais um fracasso será terrível, poder-se-á:

1. Ajudá-lo a verbalizar e internalizar objetivos médios que possam ser alcançados.
2. Auxiliá-lo a obter um sucesso moderado razoável no esporte.

Um outro tipo de indivíduo concentra-se em objetivos médios (temos uma chance de derrotar nosso próximo adversário se nos esforçarmos muito), tendo um passado razoavelmente bem sucedido no esporte. São boas as possibilidades futuras de sucesso de tais pessoas por causa de sua grande necessidade de êxito e do esforço adequado que geralmente acompanha tal necessidade.

4.4 FONTES MOTIVACIONAIS

Podemos classificar os motivos também de acordo com sua fonte. Por exemplo, alguns motivos provêm de fontes externas ao indivíduo e à tarefa, incluindo-se aí diversas recompensas sociais manifestas ou latentes (como o elogio, por exemplo) e sinais de sucesso mais palpáveis (dinheiro e presentes). Outras fontes de motivação podem ser resultado da estrutura psicológica do indivíduo e de suas necessidades pessoais de sucesso, sociabilidade, reconhecimento, etc., bem como aquelas que parecem se derivar de algumas características da própria tarefa. Nesta última categoria estão qualidades tais como novidade e complexidade da experiência mental ou motora com a qual o indivíduo se defronta.

DESTARTE, julga-se que, após o desempenho, os atletas e outras pessoas atribuem vários motivos para o grau de sucesso alcançado. Este estudo da motivação humana foi cognominado Teoria da Atribuição. Este enfoque tem passado por aperfeiçoamentos progressivos, desde os anos 50, quando HEIDER foi o primeiro a propor alguns princípios para se estudar motivação. A partir de meados de 1970, tem aplicado tal teoria a atletas e ao atletismo.

Em sua essência, considera-se que as razões dadas pelos indivíduos para seu sucesso relativo podem ser colocadas em várias escalas contínuas, expressando motivos externos ou internos a eles próprios. Os atributos internos compreendem esforço e habilidade. Os atletas poderão dizer, ao perder, que não se esforçaram bastante individualmente ou o seu time é o culpado ou, por ocasião de uma vitória, que possuem melhor técnica (habilidade). Os atributos externos compreendem fatores tais como corte, melhor habilidade por parte do adversário, ou um maior esforço deste.

A segunda escala na qual se podem colocar atributos é, segundo WEINER (1972) e outros, aquela que mostra o grau de estabilidade dos vários atributos. Nos lados estáveis dessas escalas colocam-se atributos tais como habilidade pessoal, habilidade dos companheiros de equipe e dos adversários. Construtos como esforço e sorte são geralmente considerados atributos instáveis, variáveis estas que poderão ser facilmente modificadas em futuras competições.

Depois das vitórias e derrotas, podem-se estabelecer diferenças entre as atribuições (desculpas e explicações) que os atletas e outras pessoas usam. Os

atletas e outros com um passado de vitórias em geral usam explicações diferentes daqueles acostumados ao fracasso. Os primeiros imputam suas falhas a causas internas, por exemplo, assumindo responsabilidade pelo fracasso (geralmente um atributo instável; eles poderiam ter se esforçado mais), e atribuem o sucesso a causas internas estáveis (tinham capacidade e técnica).

Após o sucesso e o fracasso, aqueles com um passado de derrotas mostram outras características. Por exemplo, os atletas sem sucesso atribuirão mais fracasso a fatores estáveis, inclusive sua própria capacidade ou a capacidades de outros, e poderão imputar uma vitória inesperada a fatores instáveis (aos esforços extras que fizeram, à sorte ou à falta de empenho do adversário).

Ao explicar os resultados do desempenho, outras variáveis que não as vitórias e derrotas, podem influir para que os indivíduos dêem como motivo causas internas ou externas.

4.5 MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA E EXTRÍNSECA

Uma das questões mais importantes que se mostra em várias pesquisas, diz respeito à determinação de condições e incentivos que podem produzir motivação intrínseca (desempenho estimulado pelo interesse na própria tarefa) em contraste com a motivação extrínseca (esforço modelado por prêmios materiais e sociais externos a natureza básica e ao interesse na própria tarefa). É melhor se os indivíduos estiverem internamente motivados, em vez de precisarem de algum tipo de recompensa externa, quando se empenharem em competição atlética. Julga-se que os indivíduos motivados intrinsecamente têm mais probabilidade de ser mais persistentes, apresentar níveis de desempenho mais altos e realizar mais tarefas do que as que requerem reforçadores externos.

Os estudos realizados em meados da década de 20, indicaram que a aplicação constante de recompensas externas para que indivíduos que anteriormente estavam interessados na realização pela própria realização, poderia causar uma mudança de opinião de si mesmos e da situação. Eles poderiam, nessas condições, tornar-se muito pouco motivadas intrinsecamente.

Os teóricos atribucionistas explicam as hipóteses dessa mudança aparente dizendo que, inicialmente, o indivíduo percebe a si mesmo como tendo o controle da situação, do sucesso e dos níveis de desempenho; os prêmios externos oferecidos

tendem a fazer com que o indivíduo perceba que ele não tinha esse controle e, assim, atribui o sucesso ou fracasso à fatores externos a si mesmo.

Em relação a essa hipótese, foi usado o termo “sobre justificação” significando que as pessoas à princípio motivadas intrinsecamente podem ter seu comportamento minado através da administração de recompensas externas de alto valor estimulante, prêmios esses que, se continuados, farão com que os jogadores achem suas ações foram motivadas por tais prêmios. O resultado final será o desempenho visto como meio para um fim – o prêmio – em vez de ser um meio de satisfação em si mesmo.

Essa hipótese traduzida para o meio atlético juvenil indica que, embora a princípio o indivíduo possa gostar de movimentos lúdicos, jogos e esportes pouco organizados, talvez arranjados por companheiros, se ele é introduzido numa situação competitiva completa, com troféus, medalhas e outras recompensas e dirigida por adultos, pode, então, encarar o esporte, a participação física e sua experiência total no esporte sob uma luz diferente da de antes.

5 INTRODUÇÃO DO TESTE

Atualmente no Brasil, o futebol feminino ganhou destaque nas principais fontes de notícia. Um elevado número de mulheres têm se interessado pelo futebol, elas estão vestindo a camisa num amplo sentido da palavra. Cada vez mais se vê mulheres nos estádios, meninas nas escolas querendo aprender o futebol. Isto levou a reflexão no sentido de identificar os motivos desse interesse.

Em termos gerais a palavra motivação significa os fatores e processos que levam as pessoas a uma ação ou a inércia em diversas situações (CRATTY, 1983). De modo mais específico, o estudo dos motivos implica no exame das razões pelas quais se escolhe fazer algo ou executar alguma tarefa, com maior empenho do que outras. O entendimento dos motivos pelos quais os jovens se envolvem nos esportes, tem sido fonte de várias pesquisas para profissionais e pesquisadores da área. Autores têm estudado a motivação no esporte, partindo de várias perspectivas. Alguns autores como GILL, GROSS e HUDDLESTON (1983), estudaram a natureza da motivação das crianças. Outros autores enfocaram os efeitos das recompensas extrínsecas na motivação das crianças (THOMAS E TENNANT, 1978).

Já autores como (ROBERTS E PACUZZI, 1979), analisaram as causas de atribuições para o sucesso e o fracasso, enquanto DECI (1975), estudou a motivação intrínseca da crianças.

Uma das mais recentes abordagens para o estudo da motivação, sob o ponto de vista desenvolvimento, foi a interpretação de HARTER (1980), fundamentada na teoria da motivação eficiente de WHITE (1959). Onde a pessoa é movida para negociar efetivamente com o ambiente e faz assim seu engajamento ou adesão à um grupo ou atividade.

Nesse sentido, este estudo reuniu dos diversos contextos teóricos como base. Devido a área de realização em particular, trata-se de um estudo contemporâneo, ou seja, verificar os motivos da adesão do sexo feminino ao futebol. Após análise dos diversos motivos foi identificado que estas podem estar motivadas intrinsecamente e extrinsecamente.

As intrínsecas produzem interesse estimulado pela própria tarefa, a qual tem mais probabilidade de ser mais persistente e realizar as tarefas com mais empenho.

As extrínsecas produzem esforço moderado por eventos recentes, prêmios materiais e sociais, externos à natureza básica e ao interesse na própria tarefa a qual requer reforçadores externos.

Dentro dos motivos foram levantados seis fatores, sendo três intrínsecos e três extrínsecos.

Fatores Intrínsecos:

- a) Desenvolver habilidades, no intuito de aprender habilidades inerentes ao futebol;
- b) Liberação de energia, que diz respeito a queimar calorias, extravasar e divertir-se;
- c) Realizar esforços, diz respeito ao treinamento (quantidade de esforço despendido) continuidade e especificidade da tarefa.

Fatores extrínsecos:

- a) Círculos de amizades, influências dos amigos da escola ou do meio em que vive;
- b) Eventos recentes, acontecimentos testemunhados através das fontes de notícias, tendo como maior exemplo as últimas conquistas do Brasil nas copas do mundo e Olimpíadas.
- c) Obter sucesso/status, reconhecimento social.

5.1 MATERIAL E MÉTODOS

Foram sujeitos deste estudo cem meninas, todas estudantes do Segundo e Terceiro Ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Senador Manoel Alencar Guimarães, realizado em Curitiba no período de 02 de abril à 02 de junho de 2018.

Como instrumento de medida utilizou-se um questionário elaborado à partir do “Questionário de Atribuição”, sugerido por ROBERTS et al (1986), “Experience Ten-Motivation”, junto com o “Questionário para Verificar os Motivos para a Prática do Esporte” de GILL et al (1983). Neste questionário haviam seis questões objetivas assim especificadas:

- QUESTÃO 1: Fator Desenvolver Habilidades.
- QUESTÃO 2: Fator Círculo de Amizades.
- QUESTÃO 3: Fator Liberação de Energia.
- QUESTÃO 4: Fator Eventos Recentes.

- QUESTÃO 5: Fator Realizar Esforços.
- QUESTÃO 6: Fator Obter Sucesso/Status.

Para fins de coleta dos dados, contatou-se as acadêmicas de Educação Física, explicou-se a natureza do estudo bem como seus objetivos, definindo cada um dos fatores. Todo o tratamento estatístico foi realizado utilizando-se porcentagem simples.

5.2 MOTIVAÇÃO E MULHERES NO FUTEBOL

Há extensa documentação que expressa o ponto de vista tradicional segundo o qual a mocinha que está crescendo terá as seguintes atitudes:

1. Esforçar-se-á em tarefas nas quais obtenha aprovação social;
2. Está cônica dos valores intrínsecos de jogos e esportes e procurará atuar o melhor possível pelo próprio valor deles;
3. Dá mais valor às qualidades estéticas nos seus movimentos do que os meninos;
4. Está orientada mais positivamente para tarefas físicas que envolvem cooperação do que para competir.

Essas orientações em mulheres que competem em grau moderado parecem refletir-se nas atitudes de algumas ao atingir a idade de freqüentar a escola secundária. O grau de aprovação ao esporte dado pela escola secundária nesse nível de escolaridade, em geral, exerce uma acentuada influência sobre atitudes pessoais expressas por atletas meninas.

Como já foi assinalado, a constante metamorfose de sentimentos, valores e atitudes “tradicionais”, sobre competição para mulheres e meninas frequentemente faz com que os dados obtidos há mais de 10 anos fiquem extremamente questionáveis. Juntamente com isto está o fato de que as atletas (e os atletas também) mostram diferenças individuais importantes no que se refere a orientações pessoais, preconceitos, o que torna necessário haver um enfoque “específico para personalidade” a fim de motivar o desportista individualmente.

Os autores concluíram que se deve considerar o grau de independência das atletas antes de se estabelecerem metas. Nessa pesquisa, concluiu-se que as mulheres que eram motivadas independentemente (papel das mães em criar filhas dependentes – Cap. Aspectos Psicológicos) e a quem se permitia estabelecer seus

próprios objetivos, tinham melhor desempenho do que as corredoras mais dependentes.

A ideia de que as mulheres são mais motivadas pelo valor intrínseco do esporte está apoiada em outros estudos. RYAM (1979) encontrou altos níveis de motivação intrínseca mesmo em mulheres que tinham ganho bolsas de estudo para atletismo na Universidade. WEINBERG e RAGAN (1979) concluíram também que as mulheres em seu estudo estavam intrinsecamente motivadas, quer houvesse ou não competições. Em contraste, os homens na mesma pesquisa eram motivados pela recompensa externa, que no caso, eram bolsas de estudo, e pareciam precisar de campeonatos antes de se interessarem pela satisfação derivada da participação em uma tarefa física num ambiente experimental.

É provável que o padrão motivacional das mulheres em situações que implicam em êxito, inclusive aquelas que requerem alto nível de perícia atlética, sofra alguns ajustamentos na adolescência. É comum os técnicos de esportes, como natação e ginástica, daquela faixa etária acharem resultados que mostrem que a menina pré-adolescente até então esforçada, desista do esporte quando começar a sofrer mudanças tanto na sua estrutura psicológica quanto na biológica.

Em geral, não se censura às meninas comportarem-se como “garotos” antes da puberdade. Quando alcançam a adolescência, contudo, as pressões e aprovações culturais já discutidas convergem, muitas vezes, sobre a jovem atleta. Ela responderá de diversas maneiras:

1. Poderá sair do esporte para obter aprovação de outras meninas;
2. Poderá redobrar seus esforços para conseguir excelência e, assim reduzir a censura sendo “uma boa atleta”;
3. Poderá combinar sua vontade de vencer com uma retirada estratégica ingressando em uma equipe feminina ou outro meio aprovado socialmente, excluindo outras companheiras e ambientes que possam considerá-la negativamente;
4. Poderá não sofrer muita censura, recebendo até aplausos por seus esforços, continuando, assim na sua apreciação sobre forças psicológicas e sociais que modelam os sentimentos a seu próprio respeito como atleta e no seu ajustamento a essas forças.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após efetuado o questionário para verificar os Motivos para a prática do Futebol percebeu-se que:

Dos motivos apresentados, o de menor importância ficando em sexto lugar, foi o Fator Realizar Esforços com 6% das preferências. No que diz respeito ao treinamento, nota-se um grau insignificante de motivação, pois percebeu que o interesse do sexo feminino pelo futebol está voltado mais para o sentido da “brincadeira” sem pressões de sistematização, continuidade ou especificidade.

Em quinto lugar encontra-se o Fator Obter Sucesso/Status, com 8% das preferências, pois nota-se que para a mulher o futebol ainda não representa fonte de sucesso ou status, sendo que estas ela pode obter em outros campos de realização pessoal. SHERRIFF (1972) e BARDWICK (1970) expressam ponto de vista tradicional, segundo ele a mulher, “ Esforçar-se-à em tarefas nas quais obtenham aprovação social”. Ou seja, o futebol feminino ainda não obteve total aprovação social como o basquetebol, o voleibol e outros, os quais ao destacar-se nestes esportes seu nome estará no topo dos grandes atletas.

Em quarto lugar, com 14% das preferências, encontra-se o Fator Círculo de Amizades. Notou-se que este apresenta um grau significativo de motivação aonde as mulheres tomam decisão de participar da atividade à partir de um estímulo despertado quer pó irmãos, quer por amigos da escola, os quais solicitam a sua participação. Este resultado, leva a buscar explicações nas características dos adolescentes, pois os jovens além da preocupação com a aparência física, também estão preocupados com os relacionamentos com a família. Nesse sentido, na medida em que as adolescentes se afastam dos pais, os grupos de pares crescem em importância criando apoio mútuo e companheirismo (SANDSTROM, 1980). Para ser aceito neste grupo ou conseguir popularidade a adolescente deve agir conforme os padrões de expectativas da sociedade adolescente.

Em terceiro lugar, com escore de 16%, destacou-se o Fator Eventos Recentes. Nota-se que as mulheres, como já era de se esperar, só que em menor número, relacionam os Eventos Vivenciados como de grande importância na escala de motivos, aonde estas foram fortemente influenciadas pela Copa do Mundo de Futebol Masculino realizada na Rússia. O destaque dado pela mídia, repercussão, polêmica e fama dos talentosos jogadores brasileiros, notícias de modelos famosas

participando de partidas de futebol beneficente. Segundo MURRAY (1983) os indivíduos são fortemente motivados quando se dá muito destaque a um evento, experiência ou pessoas.

Em segundo lugar, com 20%, encontra-se o Fator Liberação de Energia. Este achado pode suportar a teoria de HARTER (1980) onde indivíduos estão mais motivados para a prática do esporte, por razões não relacionadas socialmente, mas sim por outras, tais como, extravasar tensão e gastar energia. Isto pode ser explicado pelas próprias características afetivas do adolescente, pois, sendo uma época marcada pela intranqüilidade e pela modificação do ego. Os adolescentes começam a ter sentimentos de estranheza e acúmulo de tensão, procurando a afirmação em grupos, para um melhor desenvolvimento. É um passo para a independência e usualmente é uma das importantes tarefas da adolescência (SANDSTRON, 1980).

Outra preocupação apresentada por jovens está em torno da aparência física, pois queimar calorias, ficar em forma, fazer exercícios e ser fisicamente apto, desempenha um grande papel de aceitabilidade social (PIKUNAS, 1979).

Em primeiro lugar, com 36%, ficou o Fator Desenvolver Habilidades, este resultado vem ao encontro com os estudos de ROBERTS et al, (1981), o qual concluiu que a competência atlética tem importante influência na adesão de jovens no contexto esportivo, ou seja, os motivos de desenvolver habilidades, pois dentro do meio esportivo a mulher domina a quase todos esportes coletivos populares, sendo que o futebol ainda trata-se de uma difícil tarefa. Segundo SMALL E SCHULTZ (1980) a mulher dá mais valor as qualidades estéticas nos seus movimentos do que os homens, sendo assim, ela se esforçará em desenvolver habilidades inerentes ao futebol para que este possa ser praticado amplamente.

Conforme os dados apresentados, os motivos intrínsecos, realizar esforços, liberação de energia e desenvolver habilidades, somam 62%, sendo que estes resultados vão de encontro com as pesquisas feitas.

SHERRIFF (1972) e BARDWICK (1970), mencionam que a mulher está consciente dos valores intrínsecos de jogos e esportes e procurará atuar o melhor possível pelo próprio valor deles.

Em contrapartida os motivos extrínsecos sucesso/status, junto com círculo de amizades e eventos recentes, somaram 38%, levando também a crer que as próprias mulheres fazem restrições sobre si mesmas e sobre a atividade física

esportiva a ser praticada, separando atividades próprias para cada sexo (CRATTY, 1984). Levando a crer que também os motivos extrínsecos influenciam o sexo feminino.

Com base nos resultados obtidos nesta pesquisa, foi possível chegar as seguintes conclusões:

- O motivo de maior importância na adesão do sexo feminino à prática do futebol, foi o de desenvolver habilidades. Levando em consideração as variáveis apresentadas, a jovem mulher sente necessidade de aprender a jogar futebol por ela mesma, para desenvolver-se fisicamente, liberar energia acumulada e por fim obter um melhor desempenho durante as partidas;
- Em segundo plano devido aos eventos recentes e o círculo de amizades obter sucesso/status, nesse sentido observou-se forte influência que a motivação extrínseca exerce sobre a adesão do sexo feminino à prática do futebol. Em contrapartida, essa influência não se dá somente sobre o sexo feminino, pois os eventos recentes (através da mídia) e o círculo de amizades, produzem um grande poder de influência também no sexo masculino que a partir daí tomaram um novo gosto pelo futebol;
- Ao mensurar os níveis de motivação extrínseca, foi possível perceber que esta exerce menor influência na adesão do sexo feminino à prática do futebol, e que as mulheres são mais motivadas pelo valor intrínseco do esporte, sendo esta conclusão apoiada em outros estudos efetuados por outros autores;
- Somos todos cercados por uma constelação de valores, esta é uma das razões da dificuldade em mensurar a motivação de maneira precisa, principalmente se a medida depende (como é quase sempre o caso) do humor, sentimentos e verbalizações momentâneas do sujeito.

REFERÊNCIAS

BORTOLO, Eduardo et al. Aderência a atividade física entre estudantes do sexo feminino. *Revista Ciência e Movimentos*.

CAMPOS JÚNIOR, J. A mulher e o desporto. *Sprint*, v. 6, n. 2, mar./abr., Rio de Janeiro, 1987, p. 83-86.

CASSIS, M. L. A. M. O efeito do treinamento físico aeróbico-moderado de quatro meses (caminhada) no stress em mulheres obesas – Resumo. *Sun. Educ. Física*, v. 5, n. 1, mai./jun., São Paulo: USP, 1995.

CASTELLANI FILHO, Lino. Esporte e Mulher, Motrivivência. Fundação Esporte do Paraná, jun. 1989, p. 87-90.

CRATTY, Bryant. *Psicologia no esporte*. 2° ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984. 246 p.

FIEP. Crônica científica, O esporte feminino e seus aspectos médicos, Conselho da Europa. *Boletim*, Brasília, v. 50, n. 1, jan./mar. 1980, p. 17-21.

_____. Possibilidades oferecidas as mulheres no esporte. *Boletim*, Brasília, v. 51, n. 2, abr./jun. 1981, p. 27-32.

MASSUCATO, José Geraldo; HATA, Mário. Uma abordagem da participação feminina. *Revista Paulista de Educação Física*.

MURRAY, Edward J. *Motivação e Emoção*. 3° ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. 177 p.

OBERTEUFFER, Delbert; ULRICH, Celeste. *Educação Física: Manual de princípios para estudantes de educação física*. São Paulo: EDUSP, 1977. 375 p.

OKUMA, Silene Sunire. Fatores de adesão e de desistência dos indivíduos adultos aos programas de atividade física: uma breve revisão de literatura (Resumo). *Revista Brasileira Ciência e Movimentos*, v. 7, n. 2, abr. 1993, São Caetano do Sul, p. 24.

OLIVEIRA, Alexandro Palha de. Futebol infantil: performance, participação ou educação? Rio de Janeiro: Artus, dez. 1987, p. 26.28.

REVISTA KINESIS, v. 6, n. 1, jan./jun. 1990.

REVISTA PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, v. 6, n. 1, jan./jun. 1992.

SANTO FILHO, Gerson Carlos. *Motivação na Aprendizagem*. *Srpint Magazine*, v. 12, n. 693, nov./dez. 1993, Rio de Janeiro, p. 6-10.

SIMM, Karla T. A.; CARVALHO, Edna, R.; CANTARELLI, Edila M. B. Atribuições casuais no esporte: uma abordagem para a motivação. V. 6, n. 1, Santa Maria: Kinesis, 1990, p. 97-100.

VENTURA, Francisco et al. Evolução do desporto feminino. R. Port. Medicina Desportiva, v. 10, n. 51, mar./abr. 1991, Lisboa, p. 47-50.

_____. Efeitos do exercício físico sobre o aparelho genital feminino. R. Port. Medicina Desportiva, mar./abr. 1991, Lisboa, p. 51-64.

VIEIRA, Lenamar F. A relação entre a percepção de competência de atletas adolescentes e seus motivos para a prática esportiva. Semana de Educação Física, UEM, Maringá, v. 4, n. 10, set. 1993, p. 40-44.

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO

Numa escala de 01 à 06, enumere o que para você seria o motivo da adesão da mulher ao futebol:

1. Fator desenvolver habilidades – INT –
2. Fator amizades – EXT –
3. Fator liberação de energia – INT –
4. Fator de eventos recentes – EXT –
5. Fator realizar esforços – INT –
6. Fator sucesso/status – EXT –